

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSO EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Lidiane Rodrigues de Andrade

**Autorretrato: O desenho como estratégia de construção da identidade racial na
Educação Infantil**

Belo Horizonte
2019

Lidiane Rodrigues de Andrade

Autorretrato: O desenho como estratégia de construção da identidade racial na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Diversidade e Intersetorialidade em Educação pelo Curso de Pós graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Orientadora: Profa. Dra. Shirley Aparecida de Miranda

Belo Horizonte

2019

A553a
TCC

Andrade, Lidiane Rodrigues de, 1979-
Autorretrato [manuscrito] : o desenho como estratégia de construção da identidade racial na educação infantil / Lidiane Rodrigues de Andrade. - Belo Horizonte, 2019.
64 f. : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Shirley Aparecida De Miranda.
Inclui Bibliografia.

1. Educação. 2. Arte -- Estudo e ensino -- Relações raciais.
3. Desenho infantil -- Estudo e ensino (Ensino fundamental). 4. Auto-retratos. 5. Educação -- Relações raciais. 6. Educação de crianças -- Relações raciais. 7. Identidade.
I. Título. II. Miranda, Shirley Aparecida De, 1967-.
III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
CDD- 372.52

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL
DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Autorretrato: O desenho como estratégia de construção da identidade racial na Educação Infantil”, do(a) aluno(a) **Lidiane Rodrigues de Andrade**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Shirley Aparecida de Miranda (orientador) e -- Lisa Minelli Feital -. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho Aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a)

Lidiane Rodrigues de Andrade
Lidiane Rodrigues de Andrade

Registro na UFMG: 2018752396

Shirley Aparecida de Miranda
Shirley Aparecida de Miranda

Professor(a) Orientador(a)

Lisa Minelli Feital
Lisa Minelli Feital

Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva

Luciana Gomes da Luz Silva

Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela realização de um sonho, que é foi estudar na UFMG. Agradeço pela sustentação, e por me manter firme diante das lutas diárias que se opuseram como desafios a serem vencidos.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe e ao meu irmão, Carlos que me acompanharam nesse trajeto e a minha irmã Liliane minha amiga e parceira que me incentiva a cada dia a buscar conhecimento. As pessoas que me deram força com palavras de incentivo e a minha orientadora que apresentou paciência em tempos difíceis.

“Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Paulo Freire

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 OBSERVAÇÃO NO ESPELHO.....	22
Figura 2 OSERVAÇÃO NO ESPELHO	23
Figura 3	24
Figura 4- PRIMEIRO DESENHO DE AUTORRETRATO.....	25
Figura 5-Evolução do desenho do esquema facial.....	26
Figura 6-Evolução do desenho do esquema facial.....	27
Figura 7-Penteados	29
Figura 8- Penteados	30
Figura 9- Família Acervo da autora.....	35
Figura 10- paleta de cores construída pela Turma da Amizade	46
Figura 11-Construção do Autorretrato (Acervo da autora).....	47
Figura 12-Construção do Autorretrato (Acervo da autora).....	47
Figura 13-Telas.....	48
Figura 14-Telas.....	49
Figura 15-Telas.....	50
Figura 16- Telas.....	51
Figura 17- Telas do Autorretrato	52
Figura 18- Telas Autorretrato (Acervo da autora).....	53

RESUMO

O presente trabalho buscou contextualizar as Linguagens que compõem o Currículo da Educação Infantil com o Projeto Identidade realizado na Escola Municipal Francisca de Paula. O projeto teve como objetivo apresentar o desenho do autorretrato, desenvolvido na educação infantil como estratégia de atividade nas práticas pedagógicas promotoras de igualdade étnico-racial visando à valorização das características físicas e culturais de cada criança e a diversidade existente dentro da escola. A percepção visual e a oralidade permearam o trabalho permitindo as interações com as crianças entre seus pares respeitando a diversidade. Neste sentido, rodinhas de conversa contribuíram para a composição das práticas pedagógicas que, por sua vez, contribuíram também para o exercício da cidadania entre os pequenos, respeitando-os para a dignidade e considerando as crianças em suas diferenças.

Palavras chave: Autorretrato. Educação Infantil. Criança. Reflexão. Identidade étnico/racial

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.1 A CONSTRUÇÃO DO PLANO DE AÇÃO - JUSTIFICATIVA.....	13
1.2 Objetivos:	13
Objetivos Específicos:	13
1.3 Turma da Amizade e suas relações interpessoais	14
2. Contextualização da escola e do problema do plano de ação	16
3. Estratégias do plano de ação	19
3.1 CONSTRUÇÃO DO AUTORRETRATO	21
3.2 Hora de usar o papel.....	24
3.3 Rodinhas de Conversa	31
3.4 Rodinha de conversa “Meu nome e uma história”	32
3.5 Rodinha de conversa "Escolha sua cor"	36
3.6 Produzindo as tintas nas tonalidades da pele	38
3.7 Rodinha “Somos iguais, e somos diferentes”	41
4. Livros “Um mundo inteiro de crianças” e “Crianças como Você”	44
4.1 Caixinha de identidade	45
4.2 Pintura das telas.....	46
4.4 Atividades complementares	54
4.5 Considerações Finais.....	55
5. Referências Bibliográficas	59

1. Introdução

A infância no Brasil passou por um longo período de transformação. Essas transformações reconheceram as crianças como seres de direitos e especificidades relacionadas aos aspectos sociais, físicos e cognitivos referentes a esta etapa da vida. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil entende-se como criança:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Diretrizes Curriculares para Educação Infantil, pg.12,2010.

A partir desse reconhecimento, que no aparato jurídico passou a se expressar no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹, a modalidade de educação infantil foi regulamentada como direito. Segundo as Leis de Diretrizes e Bases em sua SEÇÃO II – Da Educação Infantil Art. 29.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_dirtrizes_e_bases_1ed.pdf

Desse modo a proposta pedagógica para educação infantil deve estar fundamentada numa concepção de criança como sujeito de direito ser social e histórico participante ativo no processo de construção de conhecimentos e deve assegurar, de acordo com O Conselho Municipal de Educação de Belo Horizonte, Resolução CME/BH N° 001/2015:

Art.22

V- O respeito à diversidade, seja ela individual, cultural, socioeconômica, étnico racial, linguística, religiosa ou decorrente de deficiência.

A proposta pedagógica deve garantir um atendimento de qualidade às crianças, considerando seu direito:

VI- A desenvolver sua identidade pessoal, cultural, social, étnico/racial e religiosa.

A escola de Educação Infantil talvez seja para parte das crianças de zero a cinco anos o primeiro espaço de socialização entre as crianças e seus pares, fora

¹Lei N° 0869, de 13 de julho de 1990.

do convívio familiar. Algumas chegam muito cedo à escola por volta dos seis meses, outras têm seu contato com esse novo ambiente aos quatro anos. Cada uma com suas singularidades, algumas mais tímidas, outras, mais extrovertidas. Com isso os conflitos surgem espontaneamente. O modo como cada criança vai lidar com esse novo encontro tem, em algumas de suas justificativas, o meio em que essa criança está inserida quando não se encontra na escola. Essas novas relações influenciam e marcam, positivamente ou negativamente a vida dessas crianças. Eu ingressei na escola um pouco mais tarde. Comecei a frequentar esse novo ambiente aos seis anos de idade. O desafio foi grande, mas com certeza outras crianças enfrentaram e enfrentam essa situação de um modo diferente do meu.

Sou professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte. Natural de Belo Horizonte, mudei para Betim com minha família aos 8 anos de idade. Era um bairro de periferia. Naquela época não havia rede de esgoto e as ruas não eram asfaltadas. Havia uma única escola na região que funcionava em quatro turnos para conseguir atender a população. As turmas eram muito cheias e as salas divididas em a,b,c,d... Diziam que a classificação se dava pela nota alcançada em teste de classificação, mas o fato é que nas turmas a e b a concentração de crianças brancas com poder aquisitivo maior, era notável, enquanto as outras turmas as crianças tinham idades diferentes, poder aquisitivo menor e eram racialmente mais diversificadas. Em geral, compostas por crianças pardas e negras, pobres e moradoras de uma área denominada mutirão. Fiz o Ensino Médio na Escola Municipal José Mirando Sobrinho. A escola oferecia dois cursos técnicos: magistério e administração. Optei pelo curso de magistério. Começar a trabalhar não foi tarefa fácil, mas no ano 2000 iniciei meus trabalhos como educadora numa creche comunitária e trabalhei lá por 4 anos. Essa foi minha primeira experiência com a Educação Infantil. Como professora, comecei a observar como algumas professoras selecionavam algumas crianças, por causa da cor. Essa seletividade era mais evidente com os bebês. As professoras carregavam no colo as crianças brancas deixando de lado as crianças negras. Essas, quando choravam, eram as pirracentas. As outras não mereciam estar ali. Esses fatos entre tantos outros são comprovados e evidenciados por alguns documentos como se refere o exposto abaixo:

No que tange à educação infantil, pesquisas realizadas a partir da década de 1980 têm demonstrado a existência de comportamentos preconceituosos e de atitudes discriminatórias em relação às crianças pré-escolares e entre elas, além de apontar que o cuidado e a educação destinados às crianças pequenas são desiguais, sendo essas desigualdades relacionadas, em sua maioria, aos seus pertencimentos étnico-raciais. Em se tratando de professores(as) que se ocupam da educação voltada a essa faixa etária, as posturas discriminatórias se evidenciam pela ausência de reconhecimento das diferenças de origem, pelos maus-tratos e principalmente pelo silêncio diante de situações de discriminação vivenciadas pelas crianças negras no espaço escolar.

História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil, pág.7

Em 2007 comecei a trabalhar como professora em uma escola da rede privada com uma concepção cristã. Ali a presença de crianças negras era quase inexistente, mas me lembro de uma que estudava nessa escola porque tinha conseguido uma bolsa. O que eu ouvia em termos de preconceitos vinham das professoras que diziam que Deus não faz acepção de pessoas e que os próprios negros produzem o preconceito.

Em 2011 entrei na Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte, na Educação Infantil. Comecei a trabalhar na Escola Municipal de Educação Infantil Delfim Moreira, trabalhei lá por seis anos. A escola fica localizada no centro de Belo Horizonte na rua Espírito Santo próxima da praça Sete. Talvez por causa de sua localização a escola recebe crianças de diferentes nacionalidades e etnias. Havia ali crianças colombianas, peruanas, chilenas, coreanas, espanholas, chinesas e brasileiras. Em 2013, pensando-se nessa diversidade, a escola propôs um trabalho sobre a temática étnico/racial baseado na Lei 10.639/03.

De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003, o papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL. MEC, 2003).

Foi a partir desse trabalho que trouxe as questões que explorei nesse plano de ação.

1.1 A CONSTRUÇÃO DO PLANO DE AÇÃO - JUSTIFICATIVA

Atualmente, trabalho na Escola Municipal Francisca de Paula e as ofensas racistas entre as crianças da Educação Infantil demonstraram-se um problema e um desafio no ano de 2019. Na EMEI Delfim Moreira, inspirou as ações para enfrentar os desafios da educação das relações raciais, agora na Escola Municipal Francisca de Paula. Considerando o contexto da escola o plano de ação sobre diversidade étnico/racial, seria desenvolvido com estratégias de abordagens diferentes. Com sensibilidade e responsabilidade o projeto foi construído na escola Francisca de Paula visando a valorização das relações étnicos/raciais através do projeto Identidade que é realizado na escola como atividades e/ou práticas/e ações permanentes. O presente projeto foi elaborado usando o autorretrato como estratégias de reflexão e construção de características facial e corporal das crianças de 5 anos, valorizando a diversidade e educando-as quanto a pluralidade étnico/racial. Segundo os Referenciais Curriculares para Educação Infantil:

Apropriação da imagem corporal A aquisição da consciência dos limites do próprio corpo é um aspecto importante do processo de diferenciação do eu e do outro e da construção da identidade. Por meio das explorações que faz, do contato físico com outras pessoas, da observação daqueles com quem convive, a criança aprende sobre o mundo, sobre si mesma e comunica-se pela linguagem corporal.

Referenciais Curriculares Para Educação Infantil, volume II, pág. 25

1.2 Objetivos:

Geral: Ampliar e integrar o projeto identidade com o tema de relações étnico/raciais desenvolvido na escola como temática da Semana Nacional da Infância.

O Plano de ação aqui abordado, objetivou entrelaçar o projeto Identidade, que é realizado na escola, com o tema das relações étnicos/raciais promovendo um sentimento de pertencimento e valorização da cultura na qual a criança está inserida. A perspectiva foi de não uniformizar, mas diversificar e reconhecer os saberes produzidos nessas culturas.

Objetivos Específicos:

Desenvolver uma imagem positiva de si
Desenvolver autoestima positiva
Perceber que cada criança tem características diferentes, respeitando essas diferenças
Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros.

O papel da professora e do professor da educação infantil nesse processo é importantíssimo. A esses profissionais cabe a realização de práticas pedagógicas que objetivem ampliar o universo sociocultural das crianças e introduzi-las em um contexto no qual o educar e o cuidar não omitam a diversidade. Desde muito cedo, podemos ser educados a reconhecer a diferença como um trunfo e a diversidade como algo fascinante em nossa aventura humana. Desde muito cedo, podemos aprender e conhecer diferentes realidades e compreender que a experiência social do mundo é muito maior do que a nossa experiência local, e que esse mesmo mundo é constituído e formado por civilizações, histórias, grupos sociais e etnias ou raças diversas. É também bem cedo em sua formação que as crianças podem ser reeducadas a lidar com os preconceitos aprendidos no ambiente familiar e nas relações sociais mais amplas.

Referenciais Curriculares Para Para Educação Infantil, pág. 43 vol II

1.3 Turma da Amizade e suas relações interpessoais

A Turma da Amizade, sala em que aconteceram as intervenções, é composta por 23 alunos sendo 13 meninas e 10 meninos. A adaptação foi um momento de conhecimento e socialização. As crianças adaptaram-se gradativamente ao ambiente escolar.

Cinco crianças já freqüentavam a escola no ano anterior. Seis freqüentavam uma creche onde permaneciam em tempo integral, uma das crianças tem, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade e outra veio do Acre dois dias antes do início das aulas. Essa criança apresenta traços indígenas, contudo a família que a adotou não consegue explicar a origem da criança. Acreditamos que nem o nome de origem da criança foi preservado, já que a família o registrou com nome de Joshua, pois a mãe adotiva acha esse nome bonito. As demais crianças moram nas proximidades da escola e a maioria nunca freqüentou uma escola. No início do ano letivo percebi que necessitavam de orientações constantes em relação a uma convivência saudável baseada em atitudes de respeito para com o próximo.

A Turma da Amizade nome escolhido pelas crianças, recebeu este nome para justificar o projeto institucional, “Uma cultura de Paz e Sustentabilidade” . O nome escolhido também teve sua justificativa diante da apresentação conflituosa em que a turma se apresentava. Houve uma discussão acerca do significado da palavra amizade para isso. A turma apresenta-se majoritariamente composta por crianças pardas, sendo seis crianças negras, duas lidas socialmente como brancas e uma com traços indígenas bem marcantes.

No início do ano letivo a relação entre as crianças apresentou-se de maneira conflituosa. Nos momentos em que ocorriam essas situações, as crianças reagiam corporalmente e em outras diversas vezes com ofensas verbais, inclusive com ofensas racistas e discriminatórias. As intervenções das professoras faziam-se necessárias com frequência. As crianças se dispersavam com facilidade e se agrupavam geralmente com aqueles com aos quais já conheciam. Enfim apresentava-se uma turma, falante que reivindicava atenção o tempo todo.

Algumas questões pertinentes ao modo como as crianças resolviam seus conflitos tornaram importante o desenvolvimento de um projeto mais sistemático.

Abaixo descrevo duas situações:

Uma das crianças referia-se ao colega como “carvão”. A criança era repreendida todas as vezes que fazia isso, porém ela não demonstrava nenhum arrependimento e nenhum outro sentimento de constrangimento. A criança ofendida ficava extremamente chateada, pois demonstrava afeto e carinho pelo colega, mas não gostava e também não aceitava ser chamada assim. Quando a criança que fazia as ofensas não chamava seu colega de carvão ele o chamava de carequinha e isso também causava sofrimento para essa criança que se sentia sempre desprezada pelo colega que ele sentia estima. A mãe da criança constrangida relatou que o filho estava com vergonha e se negando a ir para escola.

Convocamos a família da criança que praticava as ofensas para uma conversa e a mãe demonstrou surpresa e desconhecimento do fato. Afirmou que isso não acontecia em sua casa, mas que iria conversar com o filho. A criança ofendida não era a única criança negra da sala.

Outra situação:

Na educação infantil as mesinhas são projetadas para o trabalho em grupo e numa dessas mesinhas outra criança estava sofrendo discriminação por parte de uma colega que se referia a ela como macaca feia. A criança ofendida me procurou para

relatar a situação. Não presenciei os termos que ela usava para ofender a colega, mas observei que ela se direcionava a colega falando baixo. Quando chamei a criança para conversar, ela negou o fato ocorrido. Uma criança que fazia parte desse grupo quem afirmou que a criança fazia isso com a colega e ainda pedia para as demais colegas não conversarem com ela. Troquei a menina, que fazia as ofensas de lugar, e ela continuou dessa vez com outra criança. A criança agora ofendida reclamava as ofensas em voz alta demonstrando indignação.

Algo devia ser feito urgente em sala. Em sala conversamos sempre sobre o respeito uns com os outros e repreendemos essas atitudes. A mãe da criança agressora, foi chamada pra conversar sobre o assunto e também se justificou dizendo que aquilo não acontecia em casa e não sabia onde ela estava aprendendo “aquelas coisas”.

Diante de episódios como este, e do perfil em que a turma se apresentava notei que alguma intervenção precisava acontecer. As crianças precisavam ir além dos conhecimentos e significados das palavras amizade e respeito. Ações de reflexão e conscientização sobre as características físicas que tornam cada um de nós um ser único e diferente precisavam acontecer em sala de maneira sistematizada.

2. Contextualização da escola e do problema do plano de ação

A escola apresenta-se como espaço de diversidade cultural e social e onde há diversidade há também divergência de ideias, pensamentos, descobertas, opiniões, convicções, conhecimento, imaginação, entendimentos, sonhos e tensões. As práticas que permeiam este espaço educativo devem orientar e indicar como as interações com as crianças e seus pares, respeitando a diversidade contida entre eles, acontecerão. Assim torna-se necessário que a escola construa e/ou tenha em seu currículo mecanismos que fortaleçam as estruturas que sustentam a diversidade como algo positivo e fator importante que a compõe.

Com a Lei ^o 10639/2003 a escola aparece como *locus* privilegiado para agenciar alterações nessa realidade, e é dela a empreitada de acolher, conhecer e valorizar outros vínculos históricos e culturais refazendo repertórios cristalizados em seus currículos e projetos pedagógicos e nas relações estabelecidas no ambiente escolar, promovendo uma educação de qualidade para todas as pessoas.

**IGUALDADE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA,
Possibilidades e desafios para a implementação da Lei nº 10639/2003,
pág.21**

A Escola Municipal Francisca de Paula de Ensino Fundamental foi criada pelo Decreto nº 2084 de 14/10/71, inicialmente chamada de Grupo Escolar de 1ª a 4ª séries do Bairro Cinquentenário. Suas instalações foram inauguradas em 26/01/71 e as aulas tiveram início em 03/08/71.

Em 18/08/78, de acordo com a Portaria de Autorização 274/73, passou a denominar-se "Escola Municipal Francisca de Paula Gomes" em homenagem à Sra. Francisca de Paula Gomes, professora natural da cidade de Ouro Preto e transferida para Belo Horizonte, a nova capital mineira. Atualmente, o nome oficial do estabelecimento de ensino é Escola Municipal Francisca de Paula.

Em 1998, a Escola obteve autorização de funcionamento e atendimento de 1ª a 5ª séries, através da Portaria SEE nº 1209/98-MG de 14/10/98. Neste mesmo ano recebeu autorização de funcionamento do Ensino Regular Noturno, na Modalidade de Suplência, que se transformou em Educação de Jovens e Adultos no ano de 2004, pela Portaria SMED BH, nº 004/2005, publicada no DOM de 15/01/2005.

A escola atende aos moradores dos bairros Betânia, Cinquentenário, Cabana, e Nova Cintra, Bom Sucesso e Hawaí. As turmas de 3, 4 e 5 anos, segundo ciclo da Educação Infantil foram inseridas na organização escolar da Escola Municipal Francisca de Paula em 2018.

O ingresso da Educação Infantil na escola trouxe desafios e ao mesmo tempo aprendizagens múltiplas sobre o universo da criança da Educação Infantil, suas necessidades, rotinas, culturas e formas de compreender o mundo. Neste sentido, sua proposta pedagógica têm sido pensada a partir do cotidiano, das vivências, das experiências e das aprendizagens das crianças e dos professores e suas práticas educativas, rotinas e projetos pedagógicos voltados para a realidade das crianças de 3 a 6 anos, dentro do contexto de uma escola regular. Considerando estes aspectos, procura-se fazer com que a temática das relações étnico/raciais esteja contextualizada com o projeto Identidade, realizado na educação Infantil, pela

Escola Municipal Francisca de Paula. De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003,

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL. MEC, 2003).

No início do ano letivo alguns projetos institucionais são propostos pela escola e o projeto Identidade faz parte do currículo da educação Infantil na escola. Esse projeto tem por objetivo fazer a criança se reconhecer e conhecer seus pares de idade e de idades diferentes para se expressarem e vivenciarem experiências diversas enfatizando o respeito, o afeto e a amizade, através de atividades que contemplem essa temática. Estratégias como:

Conhecer a origem do nome, a família da qual faz parte, a moradia, amigos; suas preferências, as singularidades de cada um, compõem este projeto servindo de base de reflexão e autoconhecimento as crianças envolvidas.

A participação da família é outro fator importante, pois auxilia na execução do projeto. Através da participação das famílias, as singularidades de cada criança ganham destaque. Geralmente, algumas atividades relacionadas ao projeto Identidade são levadas para serem feitas em casa juntamente com a família. A história da origem do nome, quem escolheu este nome e porquê ele foi escolhido, por exemplo, ajudaram a tecer o projeto.

A faixa etária das crianças atendidas e a intenção da construção de uma sociedade democrática e pluralista, que respeita a todos e valoriza a diversidade, exigem atenção especial às famílias de todas as crianças, sejam elas negras ou brancas. O fundamental é não partir de uma imagem de família idealizada, hegemônica, mas valorizar e investir nas singularidades dos arranjos familiares e nas contribuições de todos na construção de uma educação de qualidade e igualitária. (**Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial. Pág. 17**)

3. Estratégias do plano de ação

O desenho das crianças serve como uma das estratégias de ensino na educação infantil. Utilizar desse recurso como provocação e conscientização de como a criança se vê e se valoriza em sua diversidade ajuda a mesma a compreender-se e se respeitar e a respeitar as outras crianças no meio em que está inserida. Por meio do desenho a criança cria, representa, conta e elabora histórias reais e imaginárias.

Na instituição escolar, assim como na sociedade, nós comunicamo-nos por meio do corpo. Um corpo que é construído biologicamente e simbolicamente na cultura e na história. (GOMES, 2002, p.41).

A criança desenvolve seu desenho através de alguns estágios. Esses estágios mostram as fases do desenvolvimento do desenho. Para produzir o autorretrato considero que seja importante e necessário praticar e desenvolver formas diferentes de representação do corpo.

O desenho foi algo que me despertou interesse desde meu ingresso na Educação Infantil e essa é uma proposta comum na rede municipal de educação infantil de Belo Horizonte, valorizar a produção da criança, ou seja o protagonismo infantil. Desenhos prontos e formatados nunca me agradaram. Aprecio a criação das crianças. Mas, como pintar, colorir a pele sem referências de cores próximas da realidade? As tradicionais caixinhas de lápis de cor e giz de cera, além do guache, não proporcionam às crianças a possibilidade de escolhas. Sempre trabalhei com esquema corporal e me incomodava muito o “lápis cor de pele”. Não se tem relatos de quando esse termo “lápis cor de pele” tenha surgido ou como começou a ser utilizado, o fato é que as crianças e os professores acostumaram-se, por muito tempo a reproduzir esse termo. Aquela cor não poderia representar a cor de pele de todas as crianças, porém as crianças sempre a buscaram para colorir a pele. Obviamente por não possuírem referências de quais cores escolherem.

Comecei a pesquisar em lojas especializadas em materiais para artes por materiais que orientassem a minha prática de maneira coesa. Encontrei o giz Pintkor- afro, porém esse material era vendido pela *internet*² e as escolas não podiam efetuar a compra. Observei que eu precisava de algo mais consistente e

²Internet é um sistema global de [redes de computadores](#) interligadas que utilizam um conjunto próprio de [protocolos](#) com o propósito de servir progressivamente usuários no mundo inteiro.

dentro das possibilidades de orçamento, pois a escola não conseguiria comprar. Acredito que obter bons resultados, em nossa prática pedagógica requer pesquisas e materialidade consistente. Comecei então a buscar alternativas dentro das minhas possibilidades e da realidade da escola. Recurso financeiro sempre foi um desafio, pois provar para a gestão que determinado material é importante para o desenvolvimento das práticas realizadas em sala requer esforço e comprometimento da mesma. Não dá para esperar que a gestão se comprometa com nossos ideais. Às vezes o trabalho fica atrasado e em alguns casos perdido. Refletindo sobre possibilidades reais e concretas comecei uma pesquisa sobre como são feitos os giz de cera. O processo de construção de novas tonalidades resulta em derretimento do giz e mistura de cores para se obter uma nova tonalidade. Misturando as cores marrom, branco, bege e o amarelo pele consegui algumas tonalidades e alguns resultados.

A materialidade que constitui os fazeres artísticos são suportes importantes. O desafio da materialidade para mim sempre foi importante por considerar o trabalho com o desenho um fator importante no desenvolvimento reflexivo das crianças.

Enquanto a criança desenha, ela descreve no papel suas observações acerca de suas características físicas e fenotípicas. O tipo de cabelo o jeito do nariz e a representação da boca são elementos que caracterizam o fenótipo de cada pessoa.

É preciso reforçar ainda que atualmente a Genética, a Etnologia e a antropologia partilham certo consenso de que a biologia não é pertinente (como se pensava nos anos finais do século XIX e início do século XX para utilizar o conceito de raça, como meio de identificar e diferenciar geneticamente seres humanos. Isso significa que, do ponto de vista genético, não existem diferenças suficientes entre uma pessoa com pele mais clara, que nos permita afirmar que elas fazem parte de “raças distintas”. Geneticamente, portanto, somos todos pertencentes à raça humana e as diferenças fenotípicas entre as populações humanas, que podem ser percebidas atualmente, são resultado de lentos processos históricos de adaptações climáticas. (JESUS,2014).

O envolvimento da escola no trabalho sobre relações étnico/raciais é de fundamental importância para o desenvolvimento do mesmo. Contudo, não ficar esperando enquanto o tempo passa demonstra comprometimento das/os professoras/es com relação a algumas temáticas.

Com o intuito de garantir que professores e gestores estejam atentos ao tema, a revisão das DCNEIs incluiu em seu artigo 8º, § 1º, a exigência de que a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil explicitasse as ações sobre o tema: (...) deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem: VIII – a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América; IX – o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação; X – a dignidade da criança como pessoa humana e a proteção contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – e negligência no interior da instituição ou praticadas pela família, prevendo os encaminhamentos de violações para instâncias competentes. (DCNEIs CNE, 2009, p.16).

3.1 CONSTRUÇÃO DO AUTORRETRATO

As crianças se desenvolvem em ritmos diferentes e a evolução do desenho de cada uma também. Pensando e trabalhando dentro dessa perspectiva, para produzir as ilustrações do autorretrato desenvolvo com as crianças alguns passos para que o desenho ganhe estruturas para sua representação.

No primeiro momento levo carteiras de identificação das próprias crianças para que elas possam observar a foto 3x4 e assim compreender as diferenças entre este modelo de fotografia e as fotografias de corpo inteiro. Pergunto o que é possível ser visualizado naquele tipo de foto e nas demais. As crianças listam que são: a cabeça, pescoço, ombros, cabelos. Prossigo perguntando o que aparece na cabeça, ou melhor em nosso rosto? Elas respondem que temos olhos, boca, nariz, orelha, sobrancelha... Geralmente vou passando os dedos nos membros que compõem o nosso rosto para que o maior número de detalhes seja identificado por elas. Geralmente as crianças representam os olhos com dois círculos ou como costumam dizer a elas que aquilo são buracos e para melhor representação dos olhos é importante que também façamos as íris.

A maioria das crianças fazem comparações e conseguem perceber essas diferenças, contudo algumas crianças não apresentam essa compreensão e por diversas vezes ainda se representaram com o corpo inteiro, porém ao final das produções todas conseguiram se representar. Durante essa atividade apresentei para as crianças algumas formas de representação da boca e do nariz. Os meninos acreditavam que o desenho da boca da forma como ela deve ser representada, trata-se da boca de uma menina. Nesse momento pedi para dois meninos virem a

frente da sala e depois que as crianças se observassem. Durante essas observações eles compreenderam que a boca apresenta um formato semelhante em meninos e meninas. O que muda refere-se a textura, formato e tamanho. Antes de fazer o desenho fizemos observação do nosso rosto no espelho. De acordo com os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, “O espelho é um importante instrumento para construção da identidade. Por meio das brincadeiras que faz em frente a ele a criança começa a reconhecer sua imagem e as características físicas que integram sua pessoa.” (1998, p.34).



Figura 1 OBSERVAÇÃO NO ESPELHO



Figura 2 OSERVAÇÃO NO ESPELHO

Nossos primeiros desenhos são registrados no quadro. Peço a cada uma das crianças que desenhem a cabeça fazendo um movimento circular. Explico que não precisa ser redonda, circunférica. Pode-se fazê-la oval, redonda e achatada, porém o movimento precisa ser circular. Em seguida peço para puxarem dois pequenos traços paralelos formando assim o pescoço. Posteriormente indico a opção de fazerem o pescoço utilizando uma grande letra U, partindo do círculo. Dando sequência peço para puxarem mais dois traços partindo do pescoço até o final da folha. Geralmente utilizo A4. Como o primeiro foi realizado no quadro fiz o traçado num tamanho proporcional ao esboço da cabeça. Essa é a primeira parte do desenho. Começamos então a completar o esboço da cabeça com os elementos que a formam e é nesse que as crianças começam a perceber que somos diferentes quanto às características fisionômicas de cada um. Aproveito para dizer a eles que somos iguais biologicamente falando, mas somos diferentes por causa de nossas características físicas.

Para o trabalho de construção do autorretrato também utilizei o livro “Gente que mora dentro da Gente” do autor Jonas Ribeiro.

Este livro evidencia a questão da diversidade de pessoas que ajudaram e ajudam a construir um pouco do que nós somos. O livro aborda a ancestralidade enfatizando que através de pessoas do passado herdamos algumas de nossas características.

As ilustrações do livro apresentam uma diversidade de representação de boca, olhos e nariz. Essas ilustrações serviram como exercício construção do esquema facial.

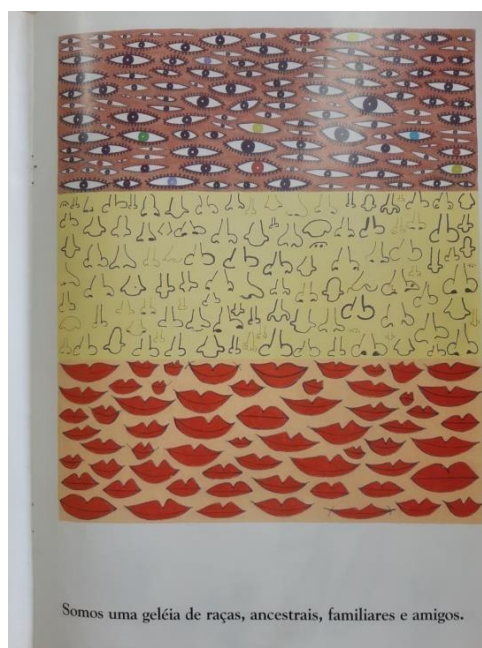


Figura 3-Página do Livro Gente Como a Gente

PÁGINA DO LIVRO GENTE QUE MORA DENTRO DA GENTE

3.2 Hora de usar o papel

As crianças observam atentas, a composição que vou fazendo em meu esboço. Paralelamente a este esboço, feito agora no papel A3, faço ao lado da folha utilizando o quadro, várias maneiras de representação dos olhos, nunca esquecendo a íris, pois elas mostram também, a cor dos olhos, que também é diferente entre as crianças e/ou seres humanos. Faço isso também com o formato do nariz, cílios, sobrancelha, cabelos e a boca. Lembro que a posição das orelhas segue a direção dos olhos. O tipo de cabelo também é algo que vai modificando ao longo das

produções. Seguindo essas orientações nosso primeiro desenho do autorretrato ficou pronto.

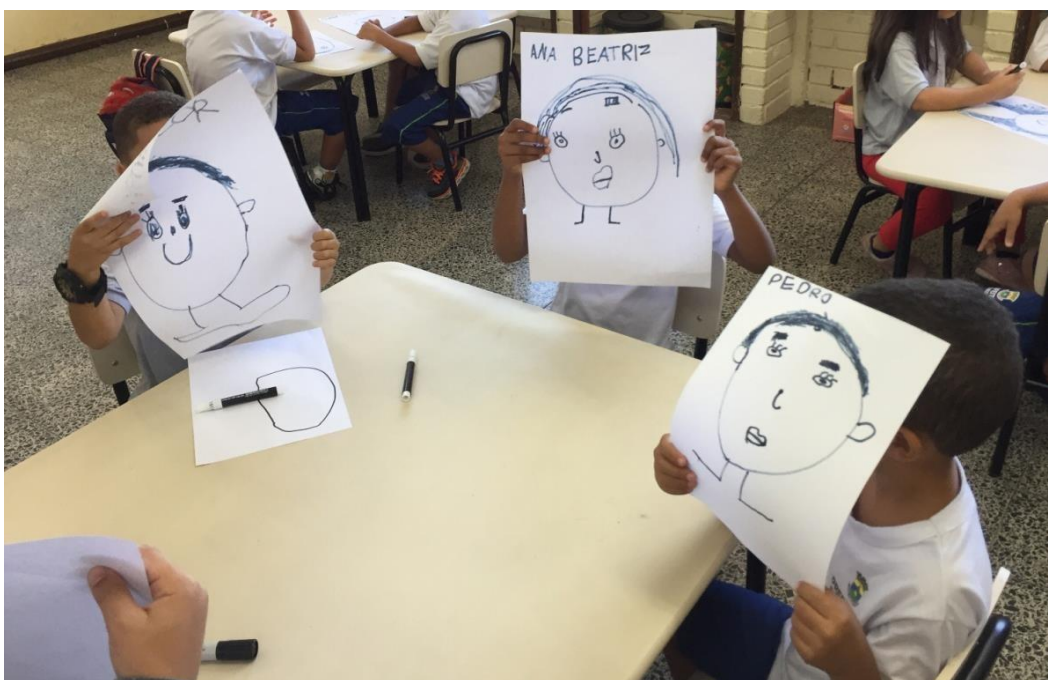


Figura 4- PRIMEIRO DESENHO DE AUTORRETRATO

Os desenhos foram evoluindo e no total produzimos cinco representações. Utilizamos papel A3, para o primeiro registro, para que eu pudesse observar e deixar a criança a vontade para utilizar o espaço da folha, porém os materiais de registro foram diversificados. As crianças produziram os autorretratos utilizando lápis, pincel compacto preto, lápis de escrever e giz de cera. Antes da passagem para as telas as crianças escolheram o desenho que iria compô-la. Para passagem do desenho usei carbono.

Estes desenhos foram se modificando conforme trabalhávamos neles. Houve um amadurecimento nos detalhes e a escolha de qual iria compor a tela de cada um também demonstrou situações de resistência ou insegurança com sua imagem. Observei algumas situações durante a escolha do desenho.

Uma criança se representou em alguns momentos com o cabelo crespo e em outro momento com o cabelo liso e grande. Na hora da escolha ela optou pelo cabelo grande e liso e disse que quando sua mãe passa creme e chapinha seu cabelo fica liso.

" Gosto dele assim" "Quando eu crescer vou colocar aplique igual a minha tia"

Outras meninas fizeram o contrário representavam-se com os cabelos lisos e conforme foram desenhavam-se e observavam-se começaram a se desenhar com os cabelos anelados e crespos.

Primeiro exemplo:



Figura 5-Evolução do desenho do esquema facial

Segundo exemplo:

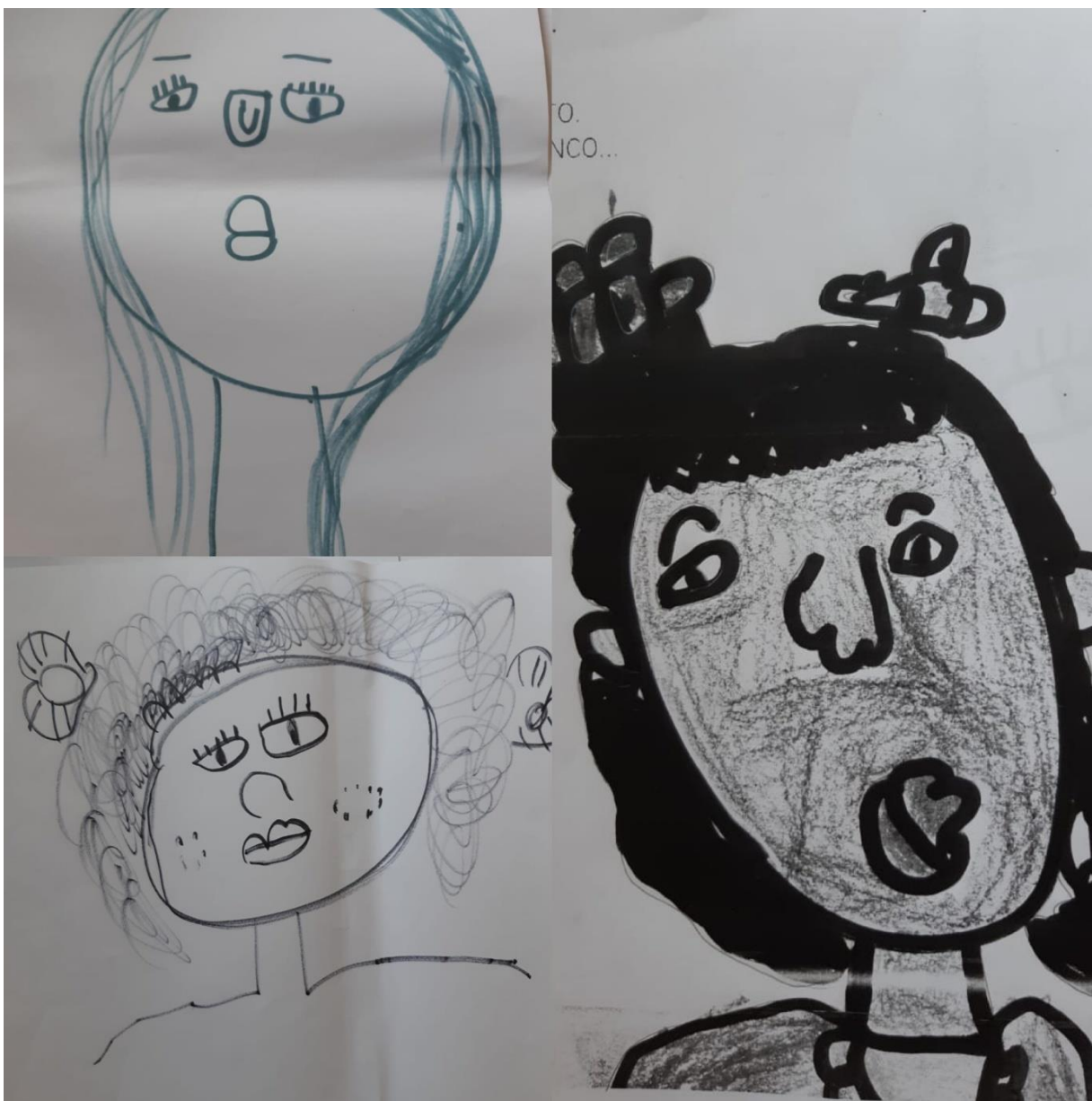


Figura 6-Evolução do desenho do esquema facial

As experiências do negro em relação ao cabelo, começam muito cedo. Mas, engana-se quem pensa que tal processo inicia-se com produtos químicos ou com alisamentos do cabelo com pente ou ferro quente. As meninas negras, durante a infância, são submetidas a verdadeiros rituais de manipulação do cabelo, realizados pela mãe, tia, irmã mais velha ou pelo adulto mais próximo. As tranças são as primeiras técnicas utilizadas. (GOMES,2002, p.41).

Certo dia, uma menina chegou à sala, apresentando-se tímida, com os ombros recolhidos e com a cabeça encurvada tentando prender os cabelos, que estavam solto, com os ombros. Os seus cabelos se apresentavam ao natural. Ela

nunca tinha estado na escola com os cabelos daquela forma. Eles estavam sempre presos e alisados. Recebi-a demonstrando alegria em vê-la daquela forma e aproveitei para dizê-la que ela estava muito bonita. Naquele momento ela abriu um sorriso e entrou na sala mais tranquila. Guardou seus pertences e logo juntou-se aos seus colegas para brincar.

Um tempo depois ela se levantou e com os olhos cheios de lágrimas me procurou para queixar-se da colega que estava brincando com ela. Engasgada pelas lágrimas e com dificuldade para falar comigo:

“Professora!”

“Ela me chateou”, apontando a colega que a observava de longe

Perguntei a ela:

-Como ela te chateou? Por quê?

“Ela disse que meu cabelo está muito feio”

Nesse momento olhando para ela perguntei:

-Hoje quando você chegou à escola o que sua professora te disse?

“Que eu estava muito bonita”. “Que meu cabelo era lindo desse jeito”.

-Então você vai acreditar em quem?

“Na professora”

A situação descrita acima demonstra uma das dificuldades para que as pessoas possam assumir a identidade de seus cabelos. A sociedade apresenta uma padronização na apresentação no modo como as pessoas “devem” se apresentar em alguns espaços públicos. Acredita-se que os cabelos amarrados e sem frizz³ dão a aparência das pessoas um aspecto de acordo com os padrões higienistas. Com isso, as mães das meninas tentam manter seus cabelos bem presos. Minhas reflexões acerca do desenvolvimento desse projeto também permearam minhas ações pedagógicas e no momento desse episódio chamei as meninas para uma conversa avulsa referente a maneira como elas eram penteadas pelas mães e responsáveis por elas.

³ Eletricidade estática que faz com que alguns fios do cabelo fiquem arrepiados. Esse efeito deve-se à umidade do ar e à hidratação do cabelo.

Uma criança relatou que prefere seu cabelo alisado, pois na hora de pentear ele não dói, pois não está embaraçado. “Minha mãe puxa muito meu cabelo aí dói”

Outra disse que quando seu cabelo está alisado ele fica grande. Essa é uma característica comum apresentada pelas meninas da Turma da Amizade. As meninas querem ter os cabelos longos como o de algumas colegas. Conversamos sobre o comprimento dos cabelos. Expliquei para as meninas que o tempo de crescimento dos cabelos varia de acordo com seu formato e com a alimentação que fazemos. O mais importante são os cuidados que devemos ter com eles. Os nossos cabelos também compõem nossas características. Cada cabelo apresenta em si uma beleza extraordinária. Propus as meninas que seria legal fotografarmos os penteados que cada uma delas estavam usando no intuito de mostrar a beleza existente dentro dessa diversidade. As meninas gostaram da idéia e entre elas os diálogos sobre como elas recebiam esse cuidado da mãe e/ou responsáveis fluiu naturalmente. Elas começaram a tocar os cabelos umas das outras demonstrando afeto.



Figura 7-Penteados



Figura 8- Penteados

A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa estima contra a qual se faz necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família. Muitas vezes, essas experiências acontecem ao longo da trajetória escolar. A escola pode atuar tanto na reprodução de estereótipos sobre o negro, o corpo e o cabelo, quanto na superação dos mesmos. (GOMES, 2002, p.47)

3.3 Rodinhas de Conversa

As rodinhas de conversa na Educação Infantil são bem exploradas em nosso cotidiano escolar. Elas fazem parte das atividades permanentes e os assuntos abordados, geralmente direcionam os trabalhos desenvolvidos durante o ano. Elas possibilitam que as crianças exponham e explorem aquilo que elas já sabem sobre determinado assunto. Muitos assuntos pertinentes, tratados nas rodinhas são registrados e se transformam em atividades concretas.

As rodinhas de conversa foram significativas ao projeto realizado em sala. Inicialmente as conversas sinalizaram e diagnosticaram o entendimento que as crianças tinham sobre si mesmas, seu corpo e suas características e as diferenças existentes entre elas e as outras crianças. Utilizei alguns recursos como livros, fotografias e Para Casa, para sustentarem alguns diálogos com as crianças durante as rodinhas.

3.4 Rodinha de conversa “Meu nome e uma história”

Nos reuníamos, para contar um pouquinho do que ficamos sabendo sobre nosso nome. No dia anterior as crianças levaram para casa a seguinte atividade:

ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCA DE PAULA
PROJETO IDENTIDADE

NOME
TAYANE

MEU NOME FOI ESCOLHIDO PORQUE... (Família escreve)
Porque minha mãe sonhou com esse nome,
e significa "primeiro raio de sol no amanhecer".

SIGNIFICADO
"primeiro raio de sol no amanhecer."
"Estrela"

DESENHO DO SIGNIFICADO

Paulina pelo nome!

Figura 9-Para Casa (Acervo da autora)

Durante a roda as crianças contaram quem escolheu seu nome e a história desse nome. Elas apresentaram o para casa para seus colegas. Cada criança pode contar sua história. Elas também mostraram o desenho do seu significado. Interessante como elas demonstraram-se orgulhosas pela escolha de seu nome e o significado as deixavam ainda mais satisfeitas.

Anterior a esta atividade a maioria das crianças não sabiam quem tinha escolhido seu nome e nem o porquê. Outras, porém já conheciam a justificativa da escolha. Essa atividade mostrou um pouco sobre o modo que as famílias interagem com suas crianças, dentro da perspectiva de como se dão os diálogos entre as famílias.

Esse momento proporcionou às famílias contarem um pouco mais sobre sua história, o que contribuiu, na construção da identidade familiar de cada criança.

A roda de retorno de atividades mostrou-se produtiva e apenas três crianças não trouxeram o para casa. Tivemos oportunidade de conversar sobre a importância de se ter um nome, que também é composto pelo sobrenome.

“Alguém sabe dizer pra que serve o sobrenome”

Beatriz respondeu: “Para não confundir”

-Não confundir o quê?

“As pessoas”

-Muito bem Beatriz, os sobrenomes servem para identificar as pessoas. Servem para indicar a família da qual nós fazemos parte. Prossegui perguntando se mais alguém sabia dizer porque nosso nome tem a parte do sobrenome. Percebi nessa conversa que a maioria das crianças não tem conhecimento acerca de para que serve, e nem o que significa ter um sobrenome. Comecei a explicação pedindo para algumas crianças dizerem o nome todo, ou seja, nome com sobrenome. Utilizei a expressão “nome todo”, porque quando pedi para dizerem o nome com sobrenome às crianças não entenderam. Aproveitei para explicar que Rodrigues refere-se a parte da minha mãe e Andrade do meu pai. Uma criança que estava atenta a conversa chamou atenção para o nome de sua mãe. Ela observou que o seu nome e de sua mãe apresentavam uma diferença. Na última parte do nome expliquei que sim os sobrenomes mudam, pois eles seguem uma ordem de geração. Esses sobrenomes

foram dos nossos pais, nossos avós, bisavós... Eles viajaram o tempo e hoje fazem parte do nosso nome. Isso se chama ancestralidade. Isso significa que outras pessoas que viveram a muito tempo antes de nós foram dando origem ao que nós somos hoje.

As nossas características físicas vieram dessas pessoas também. O jeito do nosso cabelo, nossos olhos, a nossa boca, o nosso nariz a cor da nossa pele e até o formato das nossas cabeças e do nosso corpo tem um pouco dos nossos ancestrais. Outras pessoas antes de nós foram importantes para que nós estivéssemos aqui hoje. Por isso nossas origens são importantes. E por isso é importante também conhecer nossa história a partir de nossas origens. Essas informações colaboram para a construção da nossa Identidade.

Neste momento aproveitei para lembrar de algumas das histórias contadas pelas crianças, no que dizia respeito a homenagem aos seus avós, e aos avós dos pais ou seja bisavós das dessas crianças.

Observei que as crianças sentiram muito orgulhosas ao saber o significado do seu nome. Esse momento também foi importante, pois proporcionou a essas crianças uma conversa com a família. Esse momento para elas estarem ouvindo histórias da sua própria vida. Essa rodinha foi importante porque além de nós podermos conhecer um pouquinho da nossa história as crianças puderam entender através de nossa conversa que outras pessoas viveram antes de nós. Essas pessoas foram importantes, pois elas construíram também a história do nosso país.

Outro ponto importante que as crianças aprenderam durante os diálogos é que devemos nos direcionar á outra pessoa pelo nome. Apelidos só são legais quando alguma criança permite e mesmo assim o apelido tem que ser uma coisa carinhosa. Xingamentos e termos pejorativos não podem existir entre nós. Consultando as crianças durante a roda elas disseram como gostam de ser chamadas pelos colegas, e todas responderam que gostam de ser chamadas pelo nome.

Hoje percebo as crianças mais tranquilas, e cuidadosas umas com as outras. Os conflitos diminuíram consideravelmente.

Ao final dessa roda de conversa solicitei às crianças que fizessem uma ilustração de sua família, observando sempre suas características. Essa atividade também trouxe uma reflexão acerca de família. Algumas crianças expuseram a composição de suas famílias e entendemos que as famílias também são diferentes. Ao final das atividades li para as crianças o livro Tanto, Tanto! Escrito pelo autor Trisch Cooke. O Livro conta a história de um bebê muito querido e o aniversário de seu pai. As ilustrações são atraentes e apresentam uma família negra e as relações de afeto existentes entre seus entes queridos.

Alguns desenhos.

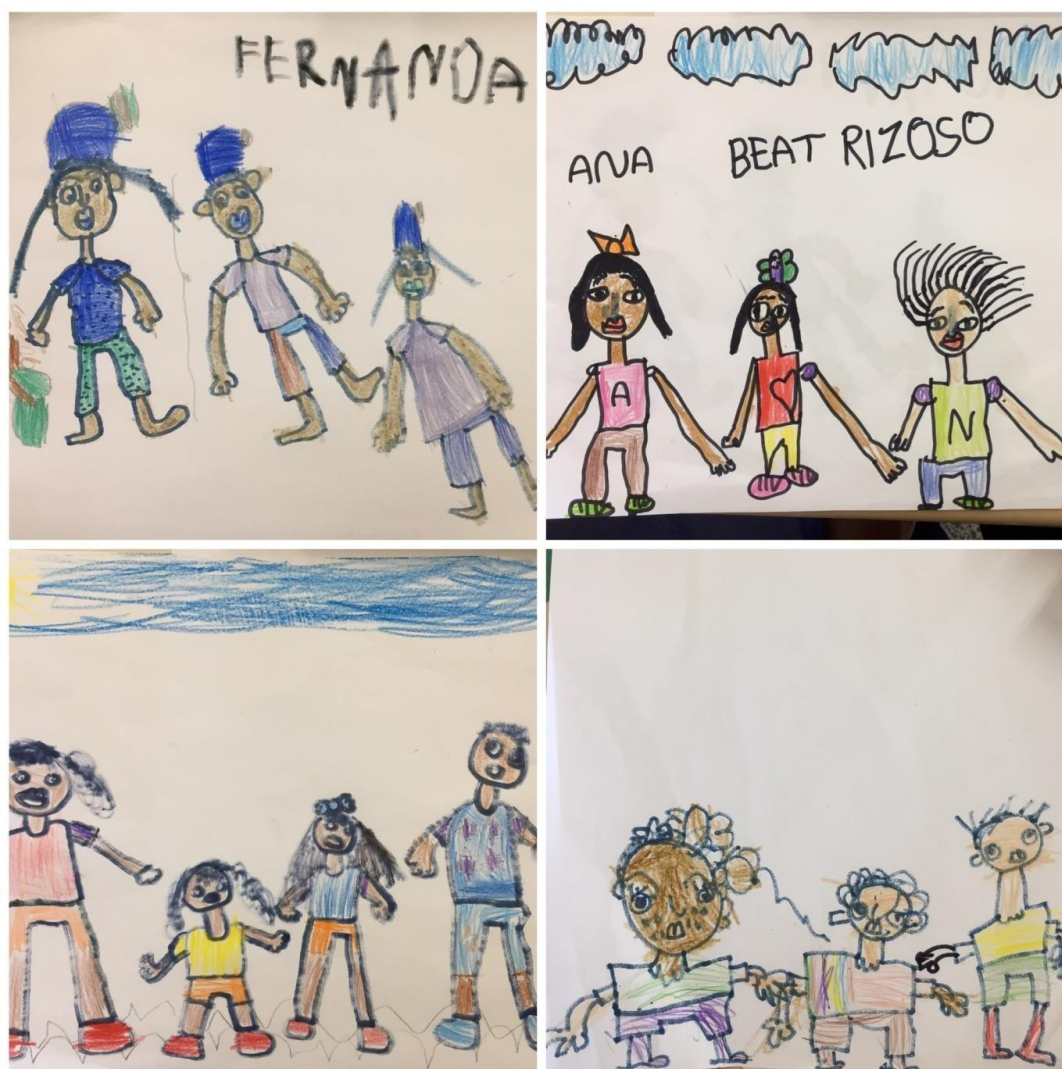


Figura 10- Família Acervo da autora

3.5 Rodinha de conversa "Escolha sua cor"

Para essa roda de conversa levei o lápis "cor de pele" para iniciar nossa conversa. Iniciei perguntando as crianças qual era a cor daquele lápis que eu estava segurando. Unanimemente as crianças responderam

"Cor de pele"

Prossigui perguntando se alguém tinha aquela cor. Vocês já viram alguém com essa cor andando pela rua? As crianças chegaram a conclusão que não existe pessoas daquela cor. Pelo menos elas não conhecem ninguém assim.

Pedi que esperassem um pouquinho enquanto disponibilizava ao centro da roda os gizes de cera que foram produzidos, cerca de 8 tonalidades diferentes. Antes de pedir às crianças que fizessem suas escolhas conversamos um pouco sobre a nossa pele e a sua importância. Falamos sobre nossa diversidade e porque somos de cores diferentes. Acredito que as crianças conseguiram compreender que nossas heranças genéticas vêm de nossos ancestrais. Isso ficou evidente por causa das falas:

"Eu puxei a minha mãe"

"Eu puxei o meu pai"

"Eu não tenho pai"...

"O cabelo da minha irmã é grande", "O meu é diferente"...

A partir desse encontro, prosseguimos construindo diálogos permanentes, em nossas rodinhas, sobre nosso corpo e nossas características físicas e a diversidade que existe entre nós, além dos cuidados que devemos ter com o mesmo.



Figura 11-Escolhendo a cor da pele (Acervo da autora)

Recomecei o assunto anterior sobre nossas origens e as características que compõem nosso corpo:

" Nossa pele reveste todo nosso corpo, por isso a mesma cor que temos no rosto também temos em nossos membros superiores e inferiores, além do nosso tronco". Algumas partes da nossa pele às vezes parecem ser mais claras, porque não recebe sol.

A conversa foi produtiva e a hora das escolhas das cores aconteceu com naturalidade. As crianças demonstraram autenticidade em suas escolhas. Duas crianças demonstraram satisfação e orgulho ao pegarem a cor em que se viram representadas, "Essa é a minha cor", disse uma levantando o giz para que seus colegas pudessem ver.

Depois dessa roda de conversa as crianças sempre esperam para que possam usar os gizes para se representarem e para representarem as figuras humanas, porém algumas crianças voltaram a se colorir/pintar usando tonalidades mais claras. Isso acontece porque as crianças estão construindo sua identidade.

Elas estão refletindo e aos poucos interiorizando os conhecimentos adquiridos acerca desse saber/ assunto.



Figura 12-Esboço do autorretrato (Acervo da autora)

3.6 Produzindo as tintas nas tonalidades da pele

Durante a produção do guache conversamos mais uma vez sobre a cor da pele. Entendemos que precisamos fazer misturas de cores para conseguirmos as tonalidades que nos representam. E que todas as tonalidades que produzimos para esse efeito, também são cores de pele.

As crianças ficaram a vontade para produzir as tintas, claro que com minha orientação. Enquanto algumas brincavam no chão da sala outras se aproximavam para participar, porém todas participaram do processo de mistura. Naturalmente entre as crianças os nomes para cada uma das tonalidades foram aparecendo. Sem intervenção minha apenas dialogando entre elas, as mesmas foram nomeando as cores que surgiram:

"Essa tem cor de chocolate""Eu tenho cor de chocolate"
"Eu sou chocolate branco""Então essa aqui é chocolate branco"
"Essa aqui é café com leite"
"E essa é o toddy""E aquela ?"
"Queimadinha"

O campo semântico que as crianças seguiram apontou um problema. Porque as crianças apresentam dificuldades em nomear a cor da pele da maneira correta? Intervi nos diálogos questionando por que elas estavam usando aquelas palavras para nomear aquelas tintas.

“Minha mãe me chama de chocolate”

“A minha mãe disse que quando eu nasci eu era igual uma corujinha”

Por quê? Prossegui.

A criança respondeu que sua mãe lhe disse que quando ela era bebezinha ela tinha os olhos bem grandes. Ela se apresentava feliz com o apelido que sua mãe tinha colocado nela quando era bebê. Diante de sua resposta, apenas sorri e considerei mais prudente que esta conversa continuasse em outro momento. Contudo, disse para as crianças que estavam ali na mesa misturando as tintas, que o jeito correto de nomear as cores de pele seriam: Negro, Pardo , Branco e Indígena.



Figura 13-Produzindo as tintas



Figura 14-Produção e observação das tonalidades (acervo da autora)

3.7 Rodinha “Somos iguais, e somos diferentes”

Durante as atividades de mistura de tintas para pintura do autorretrato surgiu uma problemática. Porque as crianças apresentam dificuldade em nomear a cor da pele da maneira correta? Diante disso nosso próximo encontro em roda tinha como objetivo conhecermos a maneira correta de nomear a cor da pele. Para roda levei o folder abaixo:



Figura 15-Folder Inova (Acervo da autora)

Iniciei a conversa com a pergunta:

-O que essa foto está mostrando?

Uma das crianças respondeu que eram as pulseiras. Outra disse que eram as cores das bolinhas e começou a nomeá-las: “vermelha, azul, verde...”

Observei que uma das crianças que segurava um exemplar da foto em suas mãos balançava a cabeça discordando das opiniões até que resolveu falar:

“Pele”

“ Tá mostrando a cor da pele”

Meu sorriso, demonstrando minha satisfação, respondeu que sim.

Prossigo explicando que existe uma forma correta de nomearmos/ identificarmos a cor da pele. Não é correto chamarmos uma pessoa de chocolate, chocolate branco, café com leite, queimadinha. Temos que nos direcionar a outra pessoa lhe chamando pelo nome. Essa é a maneira correta, mas, quando nos referimos as nossas características e a nossa cor de pele, existem maneiras corretas para fazermos isso. Neste momento uma criança disse:

“É cor de pele”

Outra respondeu:

“Cor de pele não é nome” “ O certo é Branco, Pardo, Negro e Indígena “

“Amarelo” disse outro.

“Cor de pele não existe”

Achei oportuno o momento e me arrisquei a fazer um levantamento acerca de como as crianças se reconheciam. Pareceu-me um momento oportuno de perceber como as crianças se identificavam

Olhei para uma das crianças e perguntei:

Qual sua cor Bia?

“Branca”

- E você João?

“Sou pardo”

- Pedro?

“Eu tenho cor de pele”

Beatriz interrompeu, lembrando que já sabemos que não existe o nome cor de pele.

“Cor de pele é Branco, negro, pardo”

Perguntei então para uma das crianças lida socialmente como negra

Qual é sua cor?

Ela ficou em silêncio. Não respondeu. Então prossegui e perguntei a uma das crianças que um dia durante a escolha do giz levantou sua cor para que as demais crianças pudessem observar.

Qual é sua cor Gabriel?

“Preto”

Outra criança respondeu que era marrom. Expliquei novamente que não é assim que nós nomeamos as cores. Perguntei novamente, mas a criança não quis responder.

Terminei a roda refletindo sobre quais suportes poderia levar para próxima roda pra que as crianças pudessem mais uma vez refletirem sobre sua cor.

4. Livros “Um mundo inteiro de crianças” e “Crianças como Você”

O livro “Um mundo de crianças” dos autores Ana Busch e Caio Vilela, assim como o livro “Crianças como Você” da autora Anabel Kinderslev. abordam a diversidade da infância em diferentes lugares do mundo. Utilizei o livro para mostrar as crianças. O livro traz fotografias de crianças de várias partes do mundo mostrando as características físicas de cada uma. Também complementam as informações acerca das crianças do livro, informações sobre o tipo de moradia, família, avós, o que cada criança gosta de fazer, suas preferências. Usei o livro para que as crianças fizessem uma heteroidentificação das crianças que compunham o livro. Percebi que elas se sentiam mais à vontade identificando outras crianças como negras, pardas, brancas ou indígenas do que quando tinham que fazer isso com elas mesmas. Observando os dois livros, em tempos diferentes, as crianças começaram a perceber melhor a questão da cor e não repetiram mais que um é marrom, outra café com leite, o outro é chocolate. Elas começaram a utilizar os termos próprios para essa questão.

No parquinho, enquanto manuseava um dos livros, algumas crianças se aproximavam de mim para comentar algumas de suas observações acerca dos colegas enquanto estes brincavam. Uma criança chegou perto de mim e começou a dizer a cor de algumas crianças que apareciam no livro e observou que o nosso colega Joshua se parecia com uma criança indígena. Também disse que:

“A Bia disse que era branca, mas pra mim ela é parda”, “O irmão dela é branco.

Outra criança:

"O Pedro é branco" "Eu acho que só o Pedro que é branco"

A criança é um sujeito histórico social com especificidades próprias a essa etapa da vida. Elas chegam à escola com diferentes saberes e experiências vividas fora do ambiente escolar. Na escola, enquanto interagem com seus pares, elas dão novos

significados e sentidos as suas vivências. Elas são capazes de refletir e interiorizar os novos conhecimentos propostos, acerca dos conteúdos e saberes que estão vivenciando neste novo ambiente.

O papel da professora e/ou do professor de Educação Infantil deve constituir-se enquanto mediador dessas interações. Devem promover a socialização das crianças, por meio de sua inserção em diversas atividades, sem discriminação.

Precisa ser reflexivo quanto as suas práticas pedagógicas, desenvolvendo-as de modo que essas práticas se contribuam para o exercício da cidadania dessas crianças.

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros. Em relação às regras, além de se manter a preocupação quanto à clareza e transparência na sua apresentação e à coerência das sanções, é preciso dar oportunidade para que as crianças participem do estabelecimento de regras que irão afetar-lhes diretamente. Na instituição coletiva. (Referenciais Curriculares Para Educação Infantil, pág 43)

4.1 Caixinha de identidade

Para completar e concluir os trabalhos acerca do projeto, construímos uma caixinha de identidade. A proposta foi fazermos outra ilustração do autorretrato facial em tamanho menor para construirmos uma ficha de identidade de cada criança da turma. As crianças já conseguem fazer o esquema facial sem precisarem de orientações. Após o desenho as cores de giz ficam a disposição das mesmas para se colorirem da forma como se veem.

Ao final do tratamento da imagem as crianças foram entrevistadas por mim para a construção de cartões de cada uma. As questões que compuseram o cartão de cada uma foram:

Nome;

Idade;

Família;

Preferências;

Cor;

4.2 Pintura das telas

As pinturas aconteceram em algumas etapas. Na primeira etapa as crianças sentavam de três em três, para que os diálogos entre elas pudessem ser ouvidos. Minhas intervenções foram poucas e não houve nesse período questões problematizadoras. Antes de começarem a se pintar pedia às crianças que escolhessem a cor que as representava. Observei que antes de escolherem a cor as crianças levam a tinta até o braço. Como forma de identificação. Quando alguma criança estava em dúvida pedia a ela que fosse até o espelho para se observar. Depois disso as crianças começaram a se pintar nas telas.



Figura 16- paleta de cores construída pela Turma da Amizade



Figura 17-Construção do Autorretrato (Acervo da autora)



Figura 18-Construção do Autorretrato (Acervo da autora)

O trabalho com as pinturas de tela durou cerca de um mês. Foi um trabalho vagaroso e sistemático. As telas foram expostas no dia, cinco de outubro, durante a Mostra Cultural da escola.



Figura 19-Telas



Figura 20-Telas



Figura 21-Telas



Figura 22- Telas



Figura 23- Telas do Autorretrato-(Acervo da Autora)



Figura 24- Telas Autorretrato (Acervo da autora)

4.4 Atividades complementares

O trabalho com a temática das relações étnico/raciais em sala, como acredito, perpassam por todas as linguagens da Educação Infantil. E um dos grandes objetivos desse projeto foi desenvolver práticas pedagógicas permanentes, dentro desse contexto. Para tanto, chamo aqui de atividades complementares as atividades que sustentaram esse projeto ao longo do ano letivo. Houve as atividades de construção dos esquemas faciais e corporais, fotografias, que proporcionaram as crianças um olhar atencioso ao colega, rodinhas de conversa e construção de materialidade. Houve os momentos de histórias que sustentaram nossas reflexões acerca de nossas características. Houve o envolvimento das famílias durante o acompanhamento dos deveres de casa e também complementaram esse projeto as atividades de linguagem escrita, com o conhecimento de letras e números utilizando os nomes das crianças como fontes textuais. A cada nova interação com os objetos de conhecimentos, a cada nova possibilidade de diferentes interpretações, novas aprendizagens são criadas e recriadas.

O nome da criança é um recurso pedagógico, significativo para elas. Essas atividades aconteceram em sala e também foram levadas como Dever de casa. Dessa forma objetivei reforçar mais uma vez as características que individualizam cada criança. Esse foi um momento proporcionou as famílias conhecer o grupo de crianças da qual a sua, criança estava inserida. As crianças se sentiam felizes e valorizadas por verem seus colegas levando uma atividade referente ao seu nome para casa. A cada semana as crianças levavam um para casa com essa temática. Havia sempre a expectativa de qual seria o colega da vez. Com essas atividades as crianças reafirmavam mais uma vez o respeito e a admiração que crescia pelos colegas de sala.

Atividades em anexo

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar, podendo aprender, nas trocas sociais, com diferentes crianças e adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. Dentre os recursos que as crianças utilizam, destacam-se a imitação, o faz-de-conta, a oposição, a linguagem e a apropriação da imagem corporal.

Referenciais Curriculares Para Educação Infantil, pág 21, vol I

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Autorretrato: o desenho como estratégia de construção da identidade étnico racial na educação infantil” se embasou nos estudos que caracterizam as pessoas como pertencentes a determinado grupo étnico/racial considerando as características fenotípicas do ser humano e/ou de uma pessoa.

Não aprofundi o assunto sobre raças com as crianças por considerar o tema complexo para essa faixa de idade. Optei pelo exercício de observação e reflexão que as crianças fariam durante a construção de seu autorretrato. Recorri às questões biológicas e o fenótipo por considerar uma linguagem simples e compreensível para os mesmos. Neste sentido recorro a Munanga quando diz:

A raça não é uma realidade biológica, mas, sim, apenas um conceito que, aliás, é cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividida em raças estanques ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem; os patrimônios genéticos são diferentes, entretanto, essas diferenças não são suficientes para classificá-los em raças (MUNANGA,2004,p.21)

O desenho do autorretrato que foi construído em várias etapas, proporcionou as crianças uma reflexão acerca das características genéticas que constituem seu corpo. As observações e leituras que as crianças fizeram sobre seu corpo, e os corpos das outras crianças na sala, contribuíram para essa reflexão. Outros suportes como livros, contendo fotografias de crianças de diferentes partes

do mundo e fotografias das próprias crianças e seus familiares agregaram sentido ao trabalho que foi desenvolvido na Turma da Amizade.

Como resposta ao trabalho desenvolvido as crianças demonstraram capacidade de reflexão e interiorização dos objetos de conhecimentos produzidos ao longo do trabalho. Percorremos os caminhos planejados estrategicamente com sensibilidade e responsabilidade. Através da observação/reflexão/interiorização, e englobando as linguagens: oral e escrita, artística e as interações entre seus pares, as crianças conheceram um pouco mais sobre sua história e seu pertencimento étnico racial.

As práticas desenvolvidas e descritas neste trabalho afirmaram positivamente, para mim, enquanto professora da Educação Infantil que é possível desenvolver um trabalho pautado nas relações étnico-raciais com responsabilidade e sensibilidade sem precisar de fragmentá-lo em temas de datas comemorativas. E ainda, como está explícito:

O respeito à diferença não deve acontecer apenas no momento em que entramos em contato direto com o dito “diferente”. Ele deve ser um princípio, um eixo norteador de todo e qualquer currículo, ação pedagógica e prática social. (História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil, p.15)

No início do ano letivo a turma se mostrava bastante conflituosa. Algumas crianças nunca tinham frequentado à escola, ou seja, este ambiente era novo e estranho. Para as outras crianças que já passaram por outras instituições menores, a estrutura física também causou estranhamento. Os tempos e espaços dentro da escola determinaram essa nova chegada das crianças. A criança dessa faixa etária ainda não faz abstrações, contudo inicia-se a fase do personalismo, que ocorre aproximadamente no período dos 3 aos 6 anos de idade, onde ela reconhece o próprio corpo e começa a diferenciar seu eu do outro.

Essa é uma fase muito delicada para a criança, iniciando com as primeiras manifestações de simpatias e de ciúmes, o processo de distinguir-se do outro e de tomar posição face ao outro ao tomar consciência de si, é uma transição difícil e cheia de incertezas para ela. (Os negros, os conteúdos escolares e a Diversidade Cultural II, Brincando de esconde-esconde, p.41.)

Os espaços onde ocorre a educação infantil são privilegiados para promoção, de modo significativo, das interações entre as crianças e seus pares. As intenções pedagógicas devem contribuir de modo positivo, na construção das identidades sociais dessas crianças, valorizando as singularidades individuais que caracterizam os diferentes

grupos étnicos/raciais, demonstrando atitudes de afeto e respeito e aceitação da diversidade.

O planejamento desse projeto e seus encaminhamentos proporcionaram as crianças, o alargamento de suas relações, e seu amadurecimento afetivo que colaboraram de modo que, as mesmas, começaram a se interagir melhor em suas relações uns com os outros. Aprendemos sobre nossas singularidades, nossos pertencimentos étnico/raciais, construímos diálogos frequentes durante as rodinhas, com suportes em livros de literatura para educação infantil, que trata sobre essa temática. Observamos fotografia, nos observamos no espelho, conversamos sobre nossa família, fizemos pesquisa sobre história do nosso nome e pintamos uma tela com nosso autorretrato. Também trouxemos para as rodinhas de conversa os novos conhecimentos que nós obtivemos ao longo desse tempo. Construímos materialidade, como por exemplo, a recriação de cores através das já existentes, pois, entendemos que as existentes não representavam as tonalidades da nossa pele. Descobrimos também que as nossas características fenotípicas têm origens de nossos ancestrais. Os nossos ancestrais deixaram uma herança hereditária/genética, na composição do nosso fenótipo. Nosso nariz, nossos olhos, jeito da nossa boca o nosso cabelo a nossa estatura física, e as nossas digitais nos fazem seres únicos e especiais do jeito que somos. Entendemos que algumas crianças são mais altas, outras mais baixas, algumas tem cabelo grande, outras tem cabelo menor. Descobrimos que o tempo de crescimento desses cabelos, nossa alimentação e o ambiente que nós vivemos fazem parte da nossa composição hereditária. Compreendemos que enquanto seres humanos, somos seres biológicos e somos iguais. E enquanto seres fisiológicos nós somos seres diferentes.

O respeito na sala de aula apresentou o cumprimento dos objetivos propostos por este plano de ação. As crianças aprenderam a se direcionar umas as outras pelo nome e a se respeitarem. Elas não fazem mais uso de termos discriminatórios. A relação entre as crianças em sala melhorou pontualmente. Ao final do projeto construímos caixinha de identidade. Dentro dessa caixinha as crianças colocaram um autorretrato, no tamanho menor, e fizeram sua autodeclaração. Compôs também essa caixinha um cartão de identificação, com a descrição da família, quantos são, e se tem algum animalzinho de estimação, além de suas preferências. O projeto agiu positivamente na vida das crianças na minha com professora também.

O exercício da docência na Educação Infantil apresenta duas perspectivas: Ou você carrega água na peneira, ou planta sementes para o futuro. Os frutos coletados talvez não sejam visíveis agora, mas ao seu tempo florescerão. Essas

flores virão a se transformar em frutos, fornecendo algum alimento, ou enfeitando algum jardim e algumas árvores. Com o mesmo efeito, elas reproduzirão novos frutos e novas flores. Eu escolho a segunda perspectiva com a esperança de saborear diferentes frutos e apreciar diferentes árvores e jardins.

6. Referências Bibliográficas

DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL,2010/Ministério da Educação/

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo:reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?, pág.41

IGUALDADE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA, Possibilidades e desafios para a implementação da Lei nº .10639/2003, pág.22

HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, pág.7(BRASIL. MEC, 2003).

JESUS; REIS,2014. Mecanismos Eficientes Na Produção Do Fracasso Escolar De Jovens Negros: Esteriótipos, Silenciamento e Inisibilização/ Educação em Revista/Belo Horizonte/n.34/e 167901/2018

História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil, pág.7(BRASIL. MEC, 2003).

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bas_es_1ed.pdf

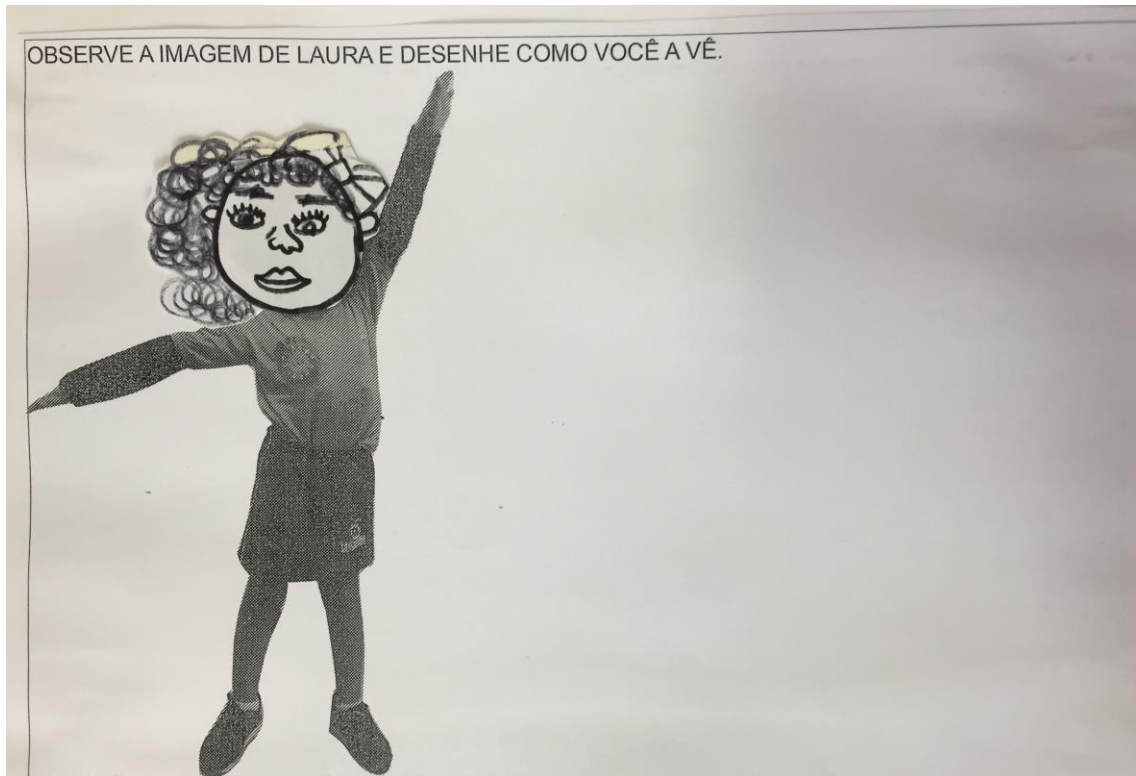
OS NEGROS, OS CONTEÚDOS ESCOLARES E A DIVERSIDADE CULTURAL II, Brincando de esconde-esconde,p.41.

REFERÊNCIAS CURRICULARES PARA EDUCAÇÃO INFANTIL, Vol. II, pág. 25

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA/CONSELHO NACIONAL DE ENSINO,2009

7. Anexos

Atividades Complementares





ATIVIDADE DE: () SALA () CASA

PROFESSORA: LIDIANE

TURMA DO SOL



DAVI

PINTE OS QUADROS ONDE VOCÊ ENCONTRAR O NOME DESSE COLEGA

PEDRO	DAVI	DAVI
DAVI	VINICIUS	MIGUEL
MARIA	DAVI	DAVI



ANA BEATRIZ

PINTE AS LETRAS QUE FORMAM O NOME ACIMA

A B C D E F G H I
J K L M N O P Q
R S T U V W X Y
Z

RECORTE DE JORNAIS E REVISTAS AS LETRAS QUE FORMAM O
NOME DA NOSSA COLEGA E COLE NO ESPAÇO ABAIXO

DAVI
MIGUEL
DAVI

ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCA DE PAULA

ENCONTRE E PINTE O NOME DA COLEGA NO DIAGRAMA ABAIXO



MARIA
LETÍCIA

L	E	T	Í	C	I	A
B	O	N	R	F	G	R
M	A	R	I	A	B	O
N	M	A	R	I	A	H
L	E	T	Í	C	I	A
A	B	O	B	O	R	A
A	V	D	M	A	R	I

AGORA ESCREVA O NOME DELA NO ESPAÇO ABAIXO



GABRIEL

PINTE AS LETRAS QUE FORMAM O NOME DO NOSSO COLEGA

A	B	G	R	I	R	L	O	P
---	---	---	---	---	---	---	---	---

COMPLETE O CRUZADÃO

G	A	B	R	I	E	L
	A					
G		B		I		L
	A		R		E	

QUEM É ESTE COLEGUINHA!



E	L	I	A	S
				S

PINTE UM QUADRADINHO PARA CADA LETRA DO NOME DO COLEGUINHA ACIMA

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

PINTE A PRIMEIRA LETRA DO NOME DELE.

DO SEU JEITINHO ESCREVA AS LETRAS QUE ESTÃO FALTANDO PARA COMPLETAR O NOME DESTE COLEGUINHA.